

AS CONTRIBUIÇÕES DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL PARA A APRENDIZAGEM

Fabiula da Silva Alcantara¹

Raymundo de Lima²

RESUMO

Nesse trabalho iremos identificar quais as vantagens de aprender a lidar com nossas emoções. Dessa forma, o foco na IE pode contribuir para o autoconhecimento o sucesso ou fracasso na aprendizagem, o equilíbrio entre razão e emoção. A proposta é analisar as contribuições da Inteligência Emocional no âmbito educacional. Com o intuito de chegar ao ponto relevante iremos traçar o conceito de Inteligência emocional, compreender como essa inteligência pode ajudar na aprendizagem dos alunos e como é importante obter a compreensão das nossas emoções. Faremos essas análises por meio de pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo de algumas entrevistas. Nos basearemos em alguns autores como Daniel Goleman, Peter Salovey e John Mayer e Alfred Binet. Enfim, entenderemos como a Inteligência Emocional ajuda no desenvolvimento, aprendizagem e na vida das pessoas.

Palavras-chave: Inteligência Emocional (IE). Aprendizagem. Educação.

ABSTRAT

In this work, we will identify the advantages of learning to deal with our emotions. In this way, the focus on IE can contribute to self-knowledge, success or failure in learning, the balance between reason and emotion. The proposal is to analyze the contributions of Emotional Intelligence in the educational field. In order to get to the relevant point, we will outline the concept of emotional intelligence, understand how this intelligence can help students learn and how important it is to gain an understanding of our emotions. We will do these analyzes through bibliographic research and content analysis of some interviews. We will rely on some authors like Daniel Goleman, Peter Salovey and John Mayer and Alfred Binet. Finally, we will understand how Emotional Intelligence helps in people's development, learning and life.

Keys-words: Emocional Inteligence (EI). Learning. Education.

1INTRODUÇÃO

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia, da Universidade Estadual de Maringá (UEM) – Paraná;

² Orientador do TCC e Professor do Departamento de Fundamentos da Educação (DFE), UEM.

A Inteligência Emocional surgiu em contrapartida do conceito Quociente da Inteligência, onde acreditavam que as "inteligências" das pessoas eram dadas a partir de determinados testes. Porém, vários estudiosos, como Mayer e Salovey (1995) e Daniel Goleman (1995), acreditavam que para se medir a inteligência teria que levar em conta as emoções das pessoas, visando entendê-las e ajudá-las quando necessário, para então obter resultados satisfatórios no futuro.

Este trabalho de conclusão de curso está relacionado às contribuições da Inteligência Emocional (IE) no âmbito educacional. Parte dos estudos bibliográficos e entrevistas realizadas que tivemos acesso revela que saber lidar com as nossas emoções contribui para promover autoconhecimento, e assim aprender a conviver de uma forma mais harmônica e equilibrada, principalmente entre alunos. Partimos do pressuposto de que: 1) no processo de ensino e aprendizagem devemos incluir as emoções como parte da relação pedagógica e curricular; 2) Trabalhar a emoção com as crianças pode ser a forma dos escolares aprenderem e compreenderem a conviver em grupo, portanto, a escola também deveria ser ambiente adequado para incluir as emoções no processo de ensino e aprendizagem, e das relações humanas.

O estudo desse tema se justifica pelo fato de acreditarem que muitas pessoas não sabem lidar com os afetos e as emoções, principalmente nos lugares dedicados exclusivamente ao desenvolvimento intelectual, como é o caso da escola. Um ponto crucial para aprofundarmos esse tema foi à nossa observação de melhoria dos relacionamentos e da própria aprendizagem de conteúdos dentro da sala de aula, quando se trabalha com a inteligência emocional. Saber lidar com nossas próprias emoções como professores e transmitir essa dimensão humana aos alunos faz com que o âmbito educacional se torne um local harmonioso. Desse modo, com esse trabalho iremos entender se a inteligência emocional pode melhorar a aprendizagem dos alunos.

Nossa motivação para realizar essa pesquisa é, primeiro, compreender o conceito; segundo, como a inteligência emocional pode transformar o âmbito educacional, a aprendizagem, a vida social, profissional e familiar das pessoas. Entendemos por que a escola prioriza o cognitivo. Mas, por que afetos e emoções não são reconhecidos como importantes nas reações das pessoas no processo de

ensinar e aprender? Fazer com que nós nos sentimos bem e os colegas parece contribuir para estarmos abertos para um mundo de aprendizagem, descobertas e conhecimentos. O professor é crucial no reconhecimento do sujeito integral (razão e emoção), onde precisa aprender a escutar seus alunos, entendê-los, respeitá-los e tratar-las como humanos para além da dimensão intelectual.

O trabalho será realizado em **três** seções. Na primeira, iremos traçar o conceito de inteligência emocional e que se refere a importância de reconhecer essa inteligência, que melhorias a própria poderia contribuir para a vida pessoal, escolar e profissional. O Quociente Emocional (QE) é visto em diversas perspectivas, dependendo de cada autor, ou seja, existem atualmente vários autores que trabalham com o QE, onde para cada um a definição da Inteligência Emocional é avaliada de uma determinada maneira.

Posteriormente, na segunda seção, acompanharemos as críticas aos testes da inteligência convencional, que utilizavam o QI (Quociente Intelectual), para medir a inteligência das pessoas. Ao longo das aplicações e resultados dos testes psicológicos foram produzidas críticas consistentes a sua metodologia e eficácia, e com as novas descobertas na década de 1990, o termo Inteligência Emocional foi reconhecido, discutido e avaliado. Esse novo meio de testar a inteligência das pessoas levando em conta suas emoções e não somente o cognitivo, foi comprovado por vários autores, como Mayer e **Salovey** (1997), Celso Antunes (1998) e Daniel Goleman (1995).

Na terceira seção deste trabalho, trataremos das contribuições dentro do âmbito educacional quando se trabalha a inteligência emocional com as crianças. Ou seja, nossa hipótese é que se ocupar com as emoções dos alunos poderia melhorar o resultado de aprendizagem, bem como otimiza um futuro próspero para as crianças. Aqueles que aprenderem a lidar com seus afetos e emoções, aprendem a usar ferramentas para melhor saber viver em uma sociedade cada vez mais complexa e incerta.

O referencial teórico principal desse trabalho será as obras de Daniel Goleman (1995), porém trabalharemos outros autores que também defendem a importância da Inteligência Emocional na otimização da relação entre professores e alunos e no atos de ensinar e aprender. Em nosso trabalho utilizaremos o método

qualitativo. Nosso intuito é estudar esse assunto, visando contribuir para a melhoria do processo educacional ou escolar, revisando criticamente nosso modo de agir dentro da sala de aula, para promover a harmonia e a formação integral no âmbito educacional.

2 CONCEITO DE INTELIGENCIA EMOCIONAL

A inteligência emocional começou a ser discutida com maior relevância a partir de 1990. Foi utilizado pela primeira vez por John Mayer e Peter Salovey em uma revista acadêmica e posteriormente foi encontrado em tirinhas e livros. Inteligência emocional segundo esses autores, era “a habilidade de processar informações sobre as próprias emoções e as dos outros”(p.220, 1995).

Goleman (2012), resgata a definição de emoção:

todas as emoções são, em essência, impulsos para agir, planos instantâneos para lidar com a vida que se evoluiu. A própria raiz da palavra emoção é *movere*, "mover" em latim, mais o prefixo "e-", para denotar "afastar-se", indicando que a tendência a agir está implícita em toda emoção"(p.20).[...] Cada emoção oferece uma disposição distinta para agir; cada uma nos põe numa direção que deu certo no lidar com os recorrentes desafios da vida humana (GOLEMAN, 2012, p.18).

Desde a definição do termo IE, realizada por Mayer e Salovey, as pessoas que possuem essa inteligência conseguem prestar mais atenção nas emoções, as utilizam de modo eficaz, sabem lidar com elas e as entendem. Por exemplo, uma das funções da tristeza (sentimento) é ajudar a ajustar-se a uma perda significativa, como a morte de alguém, ou uma decepção importante. A emoção de chorar é uma expressão da tristeza. Para Davidoff (1983, p. 427) as emoções se relacionam a mudanças em "comportamento expressivo", como verbalizações, gestos, posturas, feições faciais e ações. Nesse sentido, podemos levantar duas questões: Porque algumas pessoas apenas ficam tristes, sinalizando uma queda de energia e entusiasmo, e outras choram, até se desesperam?

Saber lidar com as emoções são essenciais para viver em sociedade. Lopes, Brackett, Nezlek, Schuttz e Salovey (2004) salientaram que competências emocionais são essenciais nas interações sociais, por que as emoções alimentam funções comunicativas e sociais, além de conterem informações sobre o

pensamento e interações com as pessoas. Assim, para viver em uma sociedade de forma positiva temos que controlar, equilibrar nossos sentimentos e entender o outro.

Em uma entrevista concedida ao programa “Faça Acontecer” (2013), Rodrigo Fonseca, especialista em Inteligência Emocional e fundador da Sociedade Brasileira de Inteligência Emocional, disse ter realizado uma pesquisa com Celso Rimoli Ferro, sócio proprietário da Escola Infantil Sol da Vila, na cidade de São Paulo, que atua desde 1999, e está implantando o método de Inteligência Emocional na Escola. Nessa entrevista, Celso Ferro observa claramente a diferença nos profissionais que estão sabendo lidar com suas próprias emoções e dos alunos, através de treinamentos e procedimentos. Isso faz com que as crianças possam aprender melhor e a melhorarem as relações entre colegas e com os professores, dentro da sala de aula.

Para compreender se as pessoas possuíam uma alta Inteligência Emocional, é necessário levar em conta cinco habilidades básicas, como cita os autores “Conhecer as próprias emoções; Lidar com as emoções; Motivar-se; Reconhecer emoções nos outros; Lidar com relacionamentos.” (MAYER; SALOVEY, 1990)

Sendo assim, primeiramente devemos saber lidar com nossas próprias emoções e posteriormente saber lidar com as emoções dos outros. Conhecer nossas emoções ajuda a expressá-las e transmitir as necessidades de nossos sentimentos³e, ainda, utilizá-las para tomar devidas decisões.

As crianças recebem de seus pais os ensinamentos emocionais que levarão para sua vida. Segundo o Brazelton (apud GOLEMAN, op. cit.) pediatra de Harvard, os pais “precisam entender como a sua atuação pode gerar confiança, curiosidade, prazer na aprendizagem e a definir seus limites” para que seus filhos se dêem bem no futuro. O sucesso escolar, em grande parte é marcado pelas características emocionais que foram cultivadas antes da entrada da criança na escola.

³Sentimentos, do latim *sentire*, perceber pelos sentidos. 1. No sentido genérico, tanto pode designar o estado afetivo de alguém tendo por objeto uma pessoa (ex.: sentimento de inveja) quanto a paixão ou emoção superior (ex.: o sentimento estético); 2. Conhecimento imediato (sensação) que não pode ser justificado racionalmente; 3. No sentido moral, inclinação altruísta que leva alguém a cultivar suas disposições intuitivas de ver as pessoas privilegiando a generosidade, a solidariedade e as razões do coração. (google.com/view/sbgdicionariodefilosofia/sentimento)

Para moldar a Inteligência Emocional, a primeira oportunidade é nos primeiros anos, mesmo que elas se formam durante todo o período escolar. Daniel Goleman (2012), define a Inteligência Emocional como a:

capacidade de identificar os nossos próprios sentimentos e os dos outros, de nos motivarmos e de gerir bem as emoções dentro de nós e nos nossos relacionamentos (GOLEMAN, 2012, p.337)

Para o autor, as situações do dia a dia exige um relacionamento entre as pessoas, seja no trabalho, na escola, em casa ou lugares públicos. Ter consciência da importância de se obter essa inteligência, faz com que nos leve a uma forma de pensar melhor no futuro.

A Inteligência emocional possui abrangentes conceitos, onde pode ser definido diferente por cada autor. Atualmente, Rodrigo Fonseca (2013), aprimorou os pilares da Inteligência Emocional pensando no cenário moderno e digital que vivemos, definindo como:

[...] é a capacidade de reconhecer em si mesmo e no outro as emoções, bem como a interação e o impacto delas na vida de cada um, além de saber como redirecionar cada uma delas para gerar melhores resultados para todos. (FONSECA, 2013, blog Sbie).

Sendo assim, administrar nossas próprias emoções e saber usá-las de modo altruísta, pode contribuir tanto para a boa convivência na escola como futuramente para a boa convivência no trabalho e na vida em sociedade. A escola deve ensinar as crianças a construir relações saudáveis, fazendo escolhas conscientes, para adquirirem uma melhor qualidade de vida tanto no presente como no futuro.

3.1 A IMPORTÂNCIA DE RECONHECER A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

O senso comum até sabe a importância das emoções na vida de uma pessoa, por exemplo, estimulam as pessoas a "desabafar", a "se abrir", "falar/ chorar" sobre determinado sofrimento que as oprime, etc. Parte da sociedade de nossa época já consegue admitir que "homem também chora", embora a moral conservadora praticamente ainda reprime homem chorar, desde criança. Portanto, reconhecer e

trabalhar a Inteligência Emocional é imprescindível para o desenvolvimento das relações interpessoais dentro e fora da escola, para ter 'sucesso' na aprendizagem, na profissão, etc. Ela consiste na capacidade de interpretar suas próprias emoções e das pessoas que fazem parte do seu convívio social.

As pessoas precisam conhecer a si próprias, para então conseguirem internalizar aquilo que está sendo processado pelo pensamento; para ter consciência de nossas emoções e saber lidar com elas. Mayer (1995) observa que as pessoas para lidar e acompanhar as suas próprias emoções adotem as medidas de autoconsciência, que segundo o autor são pessoas “conscientes de seu estado de espírito no momento em que ele ocorre, essas pessoas, evidentemente, são sofisticadas no que diz a respeito da sua vida emocional” (MEYER, 1995, p. 72).

A inteligência emocional traz para as pessoas autoconfiança nas situações rotineiras, consciência de suas próprias emoções, conhecer e saber lidar com os erros de maneira equilibrada, automotivação e, sobretudo, o desenvolvimento da empatia. No nosso ponto de vista, é através do autoconhecimento que se desenvolve a empatia; assim quanto mais consciente estivermos de nossas próprias emoções mais próximo estaremos para compreender - e vivenciar - os vários sentimentos.

Aprender a lidar com nossas próprias emoções também contribui para livrarmos do excesso de ansiedade, angústia, tristeza, irritabilidade, entre outros sentimentos demasiadamente humanos. O equilíbrio entre razão e emoção aproxima o ser humano da civilidade, que muitos denominam 'humanização', que, no fundo, é o **respeito em relação ao 'próximo' (no sentido empregado pelo cristianismo), diz respeito às diferenças humanas. Esse desafio de respeitar o próximo deve ser aplicado entre indivíduos, grupos, instituições, autoridades, e a própria sociedade, principalmente em tempos de bipolarização política como a que convivemos no Brasil, atualmente.**

A pessoa com inteligência emocional 'trabalhada' contribui para estabelecer relações intrapessoal e interpessoal equilibradas. Segundo Daniel Goleman, os seres humanos com um alto grau de inteligência emocional são:

[...] socialmente equilibrados, comunicativos e animados, não inclinados a receios ou a ruminar preocupações. Têm uma notável capacidade de

engajamento com pessoas ou causas, de assumir responsabilidades e de ter uma visão ética; são solidários e atenciosos em seus relacionamentos. Tem uma vida emocional rica, mas correta; sentem-se à vontade consigo mesmos, com os outros e no universo social em que vivem. (GOLEMAN,2012, p. 68-69).

A inteligência emocional, portanto, ao meu ver, contribui muito para nos tornamos plenamente humanos, civilizados, virtuosos, respeitosos, empáticos, em que reconhecemos as qualidades e defeitos nossos e dos outros. Isso faz com que estaremos sempre dispostos a mudanças para um futuro satisfatório e digno.

A capacidade de manter o autocontrole, de suportar o turbilhão emocional que o acaso nos impõe é uma virtude e inevitável. A vida nos traz situações rotineiras de altos e baixos, que precisam ser vividos de forma equilibrada e emocionalmente correta, pois dessa maneira conseguimos manter uma rotina sucessivamente.

3 ASPECTOS HISTÓRICOS DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

Os testes de Quociente da Inteligência eram utilizados para medir a inteligência das pessoas. Porém ao longo de diversas aplicações desse teste psicológico (QI), **os resultados foram considerados imprecisos com a realidade das pessoas avaliadas, principalmente de crianças e adolescentes. Os testes projetivos, os grafismos, entrevistas e dinâmicas de grupos foram considerados métodos mais eficientes para avaliar a inteligência das pessoas, fornecendo maior confiabilidade na seleção de pessoal especializado para as empresas.**

Os testes psicológicos tiveram origem na Inglaterra com Francis Galton (1822-1911) e na França com Alfred Binet (1857-1911). Segundo o Livro “Histórias dos testes psicológicos: Origens e transformações” de Maria Cecilia de Vilhena Morais Silva (2011), Galton, deu início aos conceitos de testes mentais onde acreditava que a inteligência tinha base nas capacidades individuais, voltadas para o singular e subjetivo. Galton era visto como um oportunista e ambicioso, como diz a autora, mas “foi um investigador hábil na aplicação da matemática à pesquisa de temas nem sempre relevantes e de rigor metodológico muitas vezes questionável” (MORAIS SILVA, op.cit.,p. 49). Os seus testes muitas vezes não eram de extrema confiança, onde podiam ser questionados e estudados de um modo mais amplo.

Outro método de medir a inteligência das crianças **era** utilizado por Binet (1857) o qual acreditava na utilização o critério do QI (Quociente da Inteligência); esse teste era realizado por um grupo de pessoas onde aplicava as provas de uma forma coletiva. A partir do resultado da avaliação também poderia prever quais crianças iriam ter sucesso ou fracasso na escola e em seu futuro. Conforme Moraes da Silva:

A escala de Binet foi criada como uma forma de 'medir a inteligência' de modo mais rápido e objetivo vai se tornar um instrumento ideal para os psicólogos colocarem o teste a serviço do interesse social (MORAES SILVA, 2011,p.76).

Com testes feitos de um modo coletivo, facilitaria na aplicação das provas, e seriam mais práticas para os psicólogos. Desse modo, na correção e observação das mesma, o tempo apropriado para esse trabalho será menor.

Psicólogos apoiaram a ideia de Binet, dando continuidade e expansão em seus testes por todo mundo. Em 1912, imigrações de pessoas em busca de seus sonhos e com a intenção de expandir o teste de QI, o Goddard (tradutor americano do teste de Binet), começou a exigir desses imigrantes o teste. Nesta época, acreditavam que a inteligência tinha **um gene, a** qual advinda de uma hereditariedade, então as pessoas com um QI alto tinham que ter mais filhos para que esse gene se espalhasse.

O teste de Binet teve vários apoiadores; um psicólogo que defendeu e utilizou esse método foi **Cyrill Burt** (1945), o qual acreditava na eficiência do teste de QI. Burt questionava que para as crianças poderem ingressar no sexto ano e em um ensino superior futuramente, teriam que fazer o teste de QI. Para o psicólogo, até os onze anos a criança já estava com seu QI definido. Como já dissemos, nesta época os estudiosos de tema acreditavam existir relação entre inteligência e genes, talvez cinquenta genes. Porém, Oliver Gilie (2012), jornalista, procurou os genes, mas não os encontrou. O documentário "QI, o grande Logro" (2012), Steven Jones, professor da genética, afirmou que ao ler os artigos de Burt e observar as referências concluiu que, na verdade, os testes de QI eram uma fraude. Em 1976, Burt foi acusado de fraude científica e seu teste foi abandonado.

As duas grandes guerras mundiais, ingleses e norte-americanos desenvolveram testes psicológicos visando atender rapidamente a necessidade de

classificar milhares de recrutas tanto para avaliar suas aptidões relativas a situação de guerra como para verificar suas capacidades intelectuais.

Segundo Moraes Silva (2011), no Brasil a utilização dos testes se deu no âmbito da educação, porém em pouco tempo acaba sendo comum em diversas áreas do conhecimento. Os testes ganharam notoriedade em 1924 com a publicação da obra *Tests: introdução ao estudo dos meios científicos de julgar a inteligência e a aplicação dos alunos*. Com a modernização dos processos administrativos no Brasil, os instrumentos psicométricos começam a ser usados nas organizações de trabalho, e instrumentos, como o psicodiagnóstico de Rorschach, passam a ser utilizados na clínica psiquiátrica. Desse modo, a associação entre a prática da profissão e o uso de instrumentos tornou-se comum⁴.

Ainda, segundo esta autora, a psicologia brasileira teve forte influência da psicologia Européia, principalmente da francesa, onde a escala de Binet foi adaptada por Burt e introduzida por Medeiros e Albuquerque. Contudo, os testes de QI foram questionados por alguns psicólogos, pois acreditavam que não eram maiso suficiente para medir a inteligência dos indivíduos, onde não traria de forma positiva os resultados que deveriam ser alcançados.

No documentário “QI, o grande Logro” (2012), uma entrevista com o psicólogo Robert Voyazopoulos observa que ao fazer o teste de QI com uma menina indicava que ela estava dois anos atrasada. Porém, **Voyazopoulos entende** que o QI não é informação essencial para definir a inteligência - ou inteligências específicas, pois depende do seu raciocínio, memória, lógica, conhecimento e adaptação, onde cada parte tem sua função. Para o psicólogo, o QI é um diagnóstico passageiro de

⁴ No Brasil, o uso de testes psicológicos constitui função privativa do psicólogo, conforme dispõe o Art. 13 da lei 4.119/62. Não se trata de um mero questionário, pautado no "senso comum", mas sim de um processo técnico-científico de coleta de dados, estudos e interpretação de informações a respeito dos fenômenos psicológicos, como já mencionado acima. Testes psicológicos são procedimentos sistemáticos de observação e registro de amostras de comportamentos e respostas de indivíduos com o objetivo de descrever e/ou mensurar características e processos psicológicos, compreendidos tradicionalmente nas áreas emoção, afeto, cognição, inteligência, motivação, personalidade, psicomotricidade, atenção, memória, percepção, dentre outras, nas suas mais diversas formas de expressão, **segundo padrões** definidos pela construção dos instrumentos", afirma a conselheira (FONTE: CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO. Disponível em: http://www.crsp.org.br/portal/comunicacao/jornal_crp/155/frames/fr_orientacao.aspx

algumas partes do cérebro, onde pode mudar conforme a vida social, econômica, política de cada pessoa. “O QI é um conjunto do todo celular, do corpo e do meio social”, onde ele pode evoluir durante a vida das pessoas, **argumenta Voyazopoulos (2012)**.

Muitas crianças possuem uma inteligência elevada que não pode ser avaliada através do QI. Na matéria apresentada por Rodrigo Razende, publicada na Revista Superinteressante, em 2017, houve uma ruptura das ideias do Quociente da Inteligência quando Daniel Goleman (1995), ao publicar o seu livro “Inteligência emocional: A teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente”. **Neste livro**, Goleman (1995) esclarece que o Quociente da Inteligência era responsável somente por 20% do sucesso dos indivíduos principalmente no trabalho. Isso deixa explícito que os pressupostos teóricos do QI se torna algo questionável, incorreto e pouco científico.

Daniel Goleman começou a avaliar a inteligência humana utilizando outros critérios. De acordo com o autor, até 1990 o QI era inquestionável, porém, uma nova forma de pensar a realidade das pessoas conduziu tanto a crítica aos testes de QI quanto a invenção e fundamentação do conceito Inteligência Emocional, visando dar conta dos sujeitos que embora fossem medianos nos resultados dos testes tradicionais conseguiam alcançar "sucesso na vida", Esse termo - Inteligência Emocional - foi utilizado primeiramente por dois psicólogos John Mayer e Peter Salovey, e posteriormente apropriado, estudado e defendido por Daniel Goleman.

O Quociente da Inteligência e a Inteligência Emocional (IE) querem chegar ao mesmo objetivo, porém um não depende do outro. Na entrevista “Segundo psicólogo, a inteligência vai além do QI”, realizada com Goleman em 2009, ele afirma que o QI é estável e fixo, ou seja, é imutável nas pessoas, sendo assim as pessoas que tem um QI baixo sempre permanecerá. Já a pessoa que possui uma Inteligência Emocional baixa pode ser 'trabalhado' e, desse modo, pode melhorá-la, enfim, podendo desenvolver e aperfeiçoá-la.

As ideias e hipóteses de Daniel Goleman causaram polêmica, pois há apoiadores e contra. Celso Antunes (1998) é um autor que defende as ideias de Goleman, acreditando que o Quociente da Inteligência (QI) não é o método mais apropriado para medir a inteligência. Segundo Antunes:

O problema porém é que as novas descobertas sobre o funcionamento do cérebro mostram que esse teste não é mais inteiramente válido para medir a inteligência de cada um. (ANTUNES, 1998, p.19).

Com as novas mudanças que vem ocorrendo no campo científico, tecnológico e no trabalho, observações e estudos, alertam que para se alcançar o nível de inteligência de cada indivíduo, teriam que ir além do QI; ou seja, a Inteligência Emocional representa tal complemento, principalmente para o olhar pragmático dos novos meios de produção e de estilos de trabalho. **Nesse sentido, concordamos com Antunes (op.cit.) que propõe a Inteligência Emocional como parte do currículo da escola, no Brasil.**

4 INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NA APRENDIZAGEM

A Inteligência Emocional no âmbito educacional é de extrema importância. De acordo com Daniel **Goleman (2012)**, nós não nascemos com a Inteligência Emocional (QE), mas como ela não está pronta ou acabada, devemos aprendê-la, aprimorá-la. A escola é um ambiente valioso para seu desenvolvimento, aprimoração e equilíbrio do sujeito que está em formação da personalidade.

O "analfabetismo emocional" (sic) pode trazer sérios riscos para as crianças e adolescentes em fase escolar. O fato dos alunos não saberem lidar com suas próprias emoções podem resultar em inibições no relacionamento, dificuldades nas conversas e diálogos, e até graves desentendimentos como brigas e atos extremos. Segundo o professor Brooklyn (apud 2012, p.249) "nos preocupamos mais com a qualidade da leitura e escrita dos alunos do que em saber se eles vão estar vivos a semana que vem". A preocupação excessiva com o cognitivo, na escola, tende a deixar de lado o reconhecimento das emoções dos alunos.

O número de adolescentes que sofrem de depressão, cometem homicídios e suicídios, vem aumentando tanto no rico Estado Unidos (POSTMAN, 1999, p.149), como no Brasil (MOREIRA, 2019;SENA, 2019). Os alunos de nossa época sofrem com as mudanças drásticas na sociedade, são influenciados pela meios midiáticos e a tecnologia, são resultados da reconfiguração dos relacionamentos, da 'adultização', entre outros fatores, portanto, as recentes gerações vem enfrentando muitos problemas de ordem afetiva, emocional, familiar, social, profissional. Trata-se

de um mal-estar emocional, próprio da pós-modernidade, que afeta principalmente as crianças, adolescentes, jovens, os mais vulneráveis e menos resilientes. Segundo Goleman :

[...] as crianças pobres tenham um pior registro em indicadores de aptidões emocionais, a respectiva taxa de deterioração com o correr das décadas não foi pior do que aquela das crianças da classe média ou rica: todas mostram uma queda constante. (GOLEMAN,2012, p. 251).

Nesse sentido, o autor esclarece sobre a necessidade de se trabalhar as emoções das crianças, principalmente as pobres e mais vulneráveis, pois os casos clínicos com necessidade de psicoterapias também triplicaram. Milhares de crianças que precisam de ajuda especializada não tem condições de conseguir, dado a precariedade dos serviços públicos de saúde.

Para Neil Postman (1999), o fato da criminalidade infantil e adulta estar aumentando constantemente é por que está ocorrendo um "declínio da infância" (sic) e também um enfraquecimento no caráter da idade adulta. Cada vez mais temos uma sociedade com adultos emocionalmente imaturos; e adolescentes sendo forçados a amadurecerem rápido. A idade adulta perdeu muito a sua autoridade em relação os menores, o que vem causando maiores problemas na infância. Segundo Postman (1999)

As mudanças sem precedentes tanto na freqüência quanto na brutalidade dos crimes cometidos por crianças, bem como a resposta legislativa a isso, são sem dúvida atribuível a múltiplas causas, mas nenhuma é mais poderosa, penso eu, do que o fato de o nosso conceito de infância estar rapidamente escapando ao nosso controle (POSTMAN, 1999, p. 150).

Ou seja, para o autor, está ocorrendo uma tendência a homogeneização na sociedade, onde o contexto atual não difere a criança de um adulto. Os efeitos de tal homogeneização, segundo Postman (op.cit., p.152)) apontam para o aumento de crimes "sem emoção" de criança 'adultificada', como também o aumento de criminalidade do adulto "infantilizado". (Por exemplo, um adulto que comete uma delinquência é considerado "menino", "ele não fez por mal", justifica o pai-autoridade, para assim poupá-lo de responsabilidade legal própria de adulto).

A concepção de criança para muitas pessoas, conforme cita **Postman (1999, p. 151)**, é de um adulto em miniatura. Ou seja, as novas tendências do modernismo tóxico faz com crianças e adolescentes se sintam cada vez mais adultas, ao ponto de não respeitar os pais e professores. Por esse motivo a orientação à família deve

ser o ponto de partida da criança com a sociedade, mas ela precisa apresentar disposição para educar seus filhos a viver em um mundo diferente de sua época quando eram filhos e alunos..

Conforme essa afirmação, a família é muito importante na relação do aluno com o mundo externo; ela é a responsável pela atitude da criança na sociedade, se ela é agressiva certamente o comportamento dos pais são reflexos disso. De acordo com Daniel Goleman (2012, p. 253) “(...) pais que alternam [posição de] abandono com castigos severos e arbitrários, um comportamento que, talvez compreensivelmente, torna a criança meio **paranóica ou belicosa**”. Nem todas as crianças agem da mesma maneira, podendo demonstrar atitudes diferentes. Por outro lado, que fazer quando não podemos contar com a família? Que fazer quando a família é monoparental? Ou quando pais se sentem responsável pela função de pai e mãe, por incapacidade pessoal, dependência de drogas ou cumprimento de pena prisional? Ou quando os pais trabalham muito, que não sobra tempo ou disposição para conviver e educar os filhos?

A família e a escola tem a função de levar as crianças a aprender **também** a lidar com as emoções, a escolher que sentimentos são úteis para lidar com a realidade exterior e a realidade interior ou subjetividade. Assim, desenvolver a Inteligência Emocional é formar desde cedo a condição de sujeito que pode - e deve - rejeitar os sentimentos negativos e aumentar os sentimentos positivos. Um dos sinais de maturidade autêntica nos adultos é conseguir usar de modo moderado os sentimentos e autocontrolar suas **emoções**.

Pelo menos, a Inteligência Emocional pode contribuir no ambiente educacional para formar professores, prepará-los para ensinar as crianças a controlarem seus impulsos entre os sentimentos e as ações, aprender a tomar melhores decisões e pensar nas conseqüências antes de agir influenciadas por emoções não trabalhadas. Para **Goleman (2012, p. 276)**, “Esses são os talentos emocionais e sociais fundamentais para a vida, e incluem pelo menos, soluções parciais para a maioria ou para todas as dificuldades (...)”. Portanto, trabalhar as emoções na escola pode contribuir para melhorias na aprendizagem e na vida psíquica e social dos futuros cidadãos.

Daniel Goleman (2012, p. 278) vira pelo avesso a expressão "educação afetiva", difundida na década de 1960, nos Estados Unidos. Para ele, "(...) em vez de utilizar o afeto como um meio de aprendizagem, [caberia] ensinar o afeto em si". Ou seja, o pesquisador e psicólogo entende que o aprendizado emocional deve fazer parte da vida escolar, "o cérebro repete-as como caminhos fortalecidos" (op.cit., p.279), e não ser apenas direcionada para problemas específicos: aprendizagem, abuso de drogas, gravidez precoce, *bullying*, etc.

A ideia básica na educação é elevar o nível de competências sociais das crianças e o emocional, ou seja, ensiná-las a lidar e perceber os sentimentos de forma adequada e equilibrada. Sendo assim, a escola, além da função de escolarização, deveria trabalhar nas crianças a facilitação emocional, a compreensão emocional e regulação emocional para consigo mesmas, tanto para beneficiar a dimensão cognitiva como para desenvolver a dimensão afetiva, emocional e a socialização. Seria um trabalho de "alfabetização emocional".⁵

O fato de a escola poder trabalhar as emoções nos alunos também os ajudará a prevenir e superar problemas específicos, como foi citado anteriormente. O professor, auxilia na aprendizagem e ensinamento sobre a inteligência emocional de seus alunos. É possível eles realizarem atividades de estimulação científica, como realizar experimentos para equilibrarem seus sentimentos, criação de ambientes que estimulem as capacidades socioemocionais, soluções de conflitos interpessoais e ensino de habilidades empáticas.

Dessa maneira, os professores irão fomentar que os seus alunos desenvolvem sua própria inteligência emocional, que será fundamental para o sua convivência em sociedade e entendimento de si mesmo. Conforme cita a diretora da escola Nueva, Karen Stone McCown, ao se deparar em situações que envolvem sentimentos:

⁵ **Alfabetização emocional** é a "capacidade de reconhecer e avaliar os seus próprios sentimentos. Além disso, trata também da compreensão dos alheios e da capacidade do indivíduo conviver e interpretá-los". "O primeiro passo sentimentos é levar a criança a identificar as emoções. Segundo, ajudar a criança a expressar a emoção. Sinalizar a ela que ela pode expressar as emoções [verbalizar], mas não pode agredir, bater, etc. Terceiro, orientar ele a autocontrolar as emoções mais fortes. Autocontrolar a explosão emocional. (MARCOS MEYER, psicólogo escolar. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=65xT62FbB7Q>).

Quando falamos sobre a raiva, ajudamos as crianças a entender que ela é quase sempre uma reação secundária e a buscar o que está por trás: você está magoado, com ciúmes? Nossas crianças aprendem que sempre há opções para reagir a uma emoção, e quanto mais meios temos para lidar com as emoções, mais rica é a nossa vida (apud GOLEMAN, 2012, p. 283)

As crianças descobriram as possibilidades de lidarem com seus sentimentos, o que lhes trará maior percepção e compreensão dos próprios sentimentos e alheios. Sendo assim, terão o controle das emoções, aprendendo solucionar problemas de um jeito correto e enfrentá-los.

Alguns professores, devido ao sobrecarregamento das tarefas do cotidiano escolar, resistem a dedicar um tempo extra para mais um 'curso' sobre inteligência emocional. Porém o intuito de Goleman não é trabalhar a IE como uma matéria, ou criar uma disciplina específica, mas sim fundir lições de sentimentos e relacionamentos em todas as disciplinas. Segundo Goleman (2012, p. 287) “As lições emocionais podem difundir-se naturalmente com leitura e escrita, saúde, ciências, estudos sociais e também em outras disciplinas-padrão”. Assim, contribuiria para os alunos estudarem e controlarem seus impulsos e afetos.

Existem muitos programas e cursos destinados ao preparo do professor com a Inteligência Emocional, pois para transmiti-la, primeiramente, precisa aprendê-la e efetivá-la. Daniel Goleman (2012) alerta que nem todos os professores possuem um temperamento psicológico adequado para essa aprendizagem; para começar eles precisam se sentir má vontade para expor seus sentimentos e paixões, o que não é fácil pois a educação não os prepara para esse tipo de ensinamento.

A aprendizagem sobre o IE orienta os alunos a transformar os momentos de crise pessoal em lições de competência emocional, o que não ocorre rapidamente, porém é preciso repetir e aproveitar as situações para formar atitudes equilibradas entre razão e emoção. As crianças tem um melhor aproveitamento das competências sociais e emocionais, onde acarretaram em mudanças de comportamento dentro e fora da escola. Conforme Goleman (2012, p. 298) , o ensinamento desse conceito melhora o/a:

- **Autoconsciência Emocional** (Melhora no reconhecimento e designação das próprias emoções; Maior capacidade de entender as causas dos sentimentos; Diferenciar sentimentos e atos).

- **Controle de Emoções**(Melhor tolerância á frustração e controle da raiva; Menos ofensas verbais, brigas e perturbações na sala de aula; Maior

capacidade de expressar adequadamente a raiva, sem brigar; Menos suspensões e expulsões; Menos comportamento agressivo ou autodestrutivo; Mais sentimentos positivos sobre si mesmo, a escola e a família; Melhor no lidar com a tensão; Menos solidão e ansiedade social).

-Canaliza produtivamente as emoções: (Melhor comunicabilidade; Maior capacidade de se concentrar na tarefa imediata e prestar atenção; Menor impulsividade, mais autocontrole; Melhores notas nas provas).

- Desenvolve a empatia: (Maior capacidade de adotar a perspectiva do outro; Melhor empatia e sensibilidade em relação aos sentimentos dos outros; Melhor no ouvir os outros).

- Contribui para lidar com relacionamentos: (Maior capacidade de analisar e compreender relacionamentos; Melhor na solução de conflitos e negociações de desacordos; Melhor na solução de problemas em relacionamentos; Mais benquisto, amistoso e envolvido com os colegas; Mais procurado pelos colegas; Mais preocupado e atencioso; Mais “ pró-social” e harmonioso em grupos; Maior partilhamento, cooperação e prestatividade; Mais democrático no lidar com os outros).

Essas vantagens vão além da educação, onde as crianças ao adquirirem essa inteligência, nem todas iguais, e assim, possivelmente terão um futuro vitorioso.

Com a divulgação a partir do reconhecimento da inteligência emocional faz com que educadores e pais questionem as escolas que apenas trabalham focadas na dimensão racional das crianças. Noutros termos, quando as escolas reconhecem a importância da função das emoções para a otimização do ensino e a aprendizagem, bem como a formação integral das crianças e adolescentes, os resultados são mais animadores, para além do sentido conservador-convencional de olhar apenas os resultados nas notas, disciplina, passar no concurso para entrar numa boa universidade, etc. Ou seja, necessitamos de uma escola inovadora que vise a formação do sujeito integral, com capacidade de lidar com a realidade da sociedade complexa que vivemos.

A realidade mostra que muitas escolas públicas e particulares não conseguem acompanhar as rápidas mudanças que estão ocorrendo no mundo do **conhecimento tecnocientífico**, do mercado profissional e das inovações das metodologias do ensino, portanto, se baseiam ainda nas ações pedagógicas tradicionais ou conservadoras e imediatista. Os problemas de indisciplina, violência na escola, *bullying*, baixo aprendizado escolar, resistência ou dificuldade de relacionamento com colegas, professores e funcionários das escolas, parece

demandar um olhar pedagógico inovador no sentido proposto da Inteligência Emocional.

Desse modo, trabalhar os aspectos emocionais das crianças, farão com que elas cultivem desde cedo os bons relacionamentos humanos ou a ética da boa convivência e comprometimento para sua própria formação integral. Enfim, essa aprendizagem lhes trará pessoas positivas, decisivas e competentes no futuro, onde conseguirão enfrentar seus problemas de maneiras mais equilibradas e corretas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O presente trabalho teve como objetivo entender como a inteligência emocional pode contribuir para ampliarmos a compreensão do desenvolvimento do aluno no âmbito educacional. Desse modo, entendemos que a aprendizagem se tornaria mais aperfeiçoada e satisfatória para as crianças, as quais poderiam aprender de forma positiva o que está sendo ensinado.

A Inteligência Emocional foi concebida em contrapartida aos testes de QI, onde estudiosos e pesquisadores demonstraram não serem suficientes para medir a inteligência 'integral' das pessoas. Após muitas discussões, pesquisas e análises, foram considerados outros meios para medir ou avaliar a inteligência das pessoas, levando em conta não somente a parte cognitiva, mas também as emoções e sentimentos, e, desse modo poderíamos aproximar de uma avaliação sobre o todo personalidade.

Para entender como a Inteligência Emocional poderá contribuir para o melhor entendimento das pessoas (personalidades), precisamos aprender a conhecer como funcionam nossas emoções, e como aprender a controlar as mesmas principalmente em certos (e incertos) momentos da vida. Conhecer, aprender e explicar nossos sentimentos nos possibilitará a autoconsciência sobre como cada ser humano funciona, e desse modo nos proporcionará relações mais harmoniosas entre os seres humanos.

Consideramos que **os alunos ao saberem** lidar com as próprias emoções contribuiria para otimizar a aprendizagem. Por seu lado, também o professor deveria procurar desenvolver um trabalho de autoconhecimento, que contribuiria tanto para prevenir o menor desgaste no trabalho educativo como facilitaria a descoberta das potencialidades de cada aluno em sala de aula.

Portanto, nosso processo educacional escolar ainda é deficiente quando se fala de Inteligência Emocional, pois orientação das escolas públicas e privadas ainda é se ocupar com a dimensão cognitiva, ou seja, praticamente ignoram a importância de reconhecer e trabalhar os sentimentos de seus alunos. Portanto, a tomada de consciência do mundo complexo onde todos estamos inseridos desafia mais que uma revisão na cultura escolar: a inovação de pensar e fazer uma nova escola onde seja incluída a Inteligência Emocional.

Através desses novos modos de enxergar a educação, poderão trazer melhorias **significativas** para a aprendizagem escolar, que inclui alunos e professores, **tornando a escola** um local de convivência harmoniosa e produtiva. Por fim, trabalhar a **dimensão** emocional, competências emocionais e sociais com os educandos **e professores** pode proporcionar a criação de comportamentos estratégicos visando resoluções de problemas **educacionais** no presente para o futuro.

REFERÊNCIAS

AFINAL, O QUE É INTELIGÊNCIA EMOCIONAL? **Sociedade Brasileira de Inteligência Emocional (SBIE)**, 2019. Disponível em: <<https://www.sbie.com.br/blog/afinal-o-que-e-inteligencia-emocional/>>. Acesso em: 01 nov. 2019.

ANTUNES, Celso. **A inteligência emocional na construção do novo eu**. 3.ed., Petrópolis: Vozes, 1998.

DAVIDOFF, Linda L. **Introdução à psicologia**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

FAÇA ACONTECER. Entrevistas com Rodrigo Fonseca e Celso RimoliFerro. **Canal do You Tube sobre inteligência emocional**.2013.Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qVKGimZgpo8>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

GOLEMAN, Daniel. Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. 2. ed.. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

HUTZ, Claudio Simon; WOYCIEKOSKI, Carla. **Inteligência Emocional: Teoria, Pesquisa, Medida, Aplicações e Controvérsias**. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/30589/000768519.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Tb. www.scielo.br/prc1* Universidade Federal do RioGrande do Sul, Instituto de Psicologia. Acesso em: 27 nov.2019.

INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NA ESCOLA. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YzFAABhm-IY>>.Acesso em: 17 nov. 2018.

MARIA CECILIA DE VILHENA MORAES SILVA. Disponível em:<<https://www.escavador.com/sobre/7362471/maria-cecilia-de-vilhena-moraes-silva>>. Acesso em: 09 jan. 2018.

MEYER, Marcos. Alfabetização emocional [Entrevista: 7min.]. **RPC-TV-Paraná**: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=65xT62FbB7Q>). Acesso em: 09 jan.2019.

MORAIS DA SILVA, M. Maria Cecília. **História dos testes psicológicos: Origens e transformações**. São Paulo: Vetor, 2011.

MOREIRA, Rômulo de Andrade. Atlas da violência no Brasil-2019.In: **Justificando**. 12/jun/2019. Disponível em: <<http://www.justificando.com/2019/06/12/atlas-da-violencia-no-brasil-2019/>> Acesso em: 18 nov.2019.

QI, O GRANDE LOGRO. 2012 [documentário]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=km1C82gW8uo>> Acesso em: 30 mar. 2019.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Grafhia, 1999.

RAZENDE, Rodrigo. O que define a sua inteligência? **Revista Super Interessante**, 2017.

REVISTA “A MENTE É MARAVILHOSA”. **A inteligência emocional segundo Salovey e Mayer.** Disponível em: <<https://amenteemaravilhosa.com.br/inteligencia-emocional-segundo-salovey-e-mayer/>>. Acesso em: 18 set. 2019.

SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, Sydney Ellen. **História da psicologia moderna.** 9. ed. São Paulo: 2009. p. 135-143.

SEGUNDO PSICÓLOGO, INTELIGÊNCIA VAI ALÉM DO QI (Parte 1 de 3). 2009. Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=CXp_3YXFnsE> . Acesso em: 18 nov.2018.

SENA, Jhonatan Senna. A incidência da vulnerabilidade social sobre a prática dos atos infracionais do Nordeste brasileiro. **Revista Jus Navigandi**, Teresina, ano 24, n. 5741, 21mar.2019. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/72789>>. Acesso em: 18 nov. 2019.

SOULE, Megan; ECATE, Stephany. **Os professores com inteligência emocional são os que deixam as marcas.** Disponível em: <<https://amenteemaravilhosa.com.br/professores-inteligencia-emocional/>>. Acesso em: 03 nov. 2019.

SPERRY, Luiz.**Psicopatas vivem bem com sua condição e muitos não são diagnosticados.** Disponível em: <<https://luizsperry.blogosfera.uol.com.br/2019/11/25/psicopatas-vivem-bem-com-sua-condicao-e-muitos-nao-sao-diagnosticados/>>. Acesso em: 25 nov. 2019.